**O LADO DESCONHECIDO DA BRINCADEIRA**

**“ESCRAVOS DE JÓ’’**

**ACADÊMICO: JOÃO BATISTA CUNHA[[1]](#footnote-1)**

Quando pequeno, costumávamos passar férias no litoral paranaense, especificamente em Pontal do Paraná, onde todos os vizinhos se reuniam para brincar. Enquanto crianças, não obstante o salutar ambiente litorâneo, nos víamos acuados pela liberdade e amplo desfrutar do convívio com nossos amigos, porém em dias de chuva, a varanda da casa era o nosso lugar de desejo. Nossa alegria era colecionar caixinhas de fósforo e nos divertir sem olhar para os ponteiros do relógio e tão pouco lembrar o desconforto da clausura devido às condições climáticas. Aprendemos com nossas mães, a jogar, Escravos de Jó.[[2]](#footnote-2) Existem aspectos interessantes desta brincadeira, não observáveis pelas pessoas de modo geral, que a incorporaram em seu cotidiano, ou ao menos já ouviram falar, como prática lúdica no contexto local e nacional, sem saber ao certo o lado histórico, clarificados nestas breves linhas, através da coleta de informes em diferentes contextos suscetíveis de análise. de forma intertextual e surpreendente, bem como breve entrevista com sujeito significativo.

A brincadeira consiste em sentarmos todos formando círculo, e movimentar no sentido horário, com exceção da passagem final, quando se fala zig zig zá, as caixas que ficam nas mãos dos jogadores nesta fase, variando para o lado esquerdo, direito e esquerdo, cada qual com sua caixinha. As caixinhas passam de um jogador para o outro no sentido horário até este momento, acompanhando o cantar. Também quando se canta ..tira, bota, deixa ficar, os movimentos são, o de tirar da mesa, colocar novamente sobre a mesma, deixar ficar, ou seja, não tocar nas caixas, até a fase final dos movimentos revezados descritos primeiramente, fazendo ziguezaguear. Como brinquedo cantado, a letra retrata um discurso pouco reflexivo, porém eficiente para o estabelecimento do ritmo imposto aos jogadores. São essas as palavras; escravos de Jó, jogavam cachangá...tira bota...deixa ficar...guerreiros com guerreiros fazem zig zig zá. As perguntas logo surgem nas entrelinhas. Quem eram os escravos de Jó? Nada importante para o jogo especialmente. O que é cachangá? Igualmente irrelevante. O porquê destas quatro ações, tira bota deixa ficar? Seria a dinâmica do jogo e da atenção. Deixa o que ou quem deve ficar? Cessar o movimento das caixas por instantes. A quem se refere os guerreiros com guerreiros? Cada participante do jogo é m guerreiro. O que é fazer zig zig zá? É mover de maneira diferente, quebrando a rotina do movimento horário e mover as caixas, cada qual a sua, direita, esquerda, direita até o final da cantiga. As discussões caminham além da inocência da letra exigindo interpretação e análise das controvérsias. Então, ao trabalho. Diz o material pesquisado, [[3]](#footnote-3) que o verso / Escravos de Jó jogavam caxangá / significava que os escravos sexuais de Jó faziam brincadeiras entre eles. Caxangá, em grego vulgar arcaico, era uma dança sensual, vinda da Turquia, em que os órgãos sexuais dos dançarinos se tocavam.” Missão explicativa ainda difícil.Na voz do etimologista Cláudio Moreno tem-se a afirmação de que se esse jogo existisse, seria quase impossível explicar como ele passou despercebido por todos os antropólogos e etnólogos que estudam nossas tradições populares. Caxangá: Possui vários significados, mas nada de jogo. Pode ser um crustáceo (parecido com um siri), um chapéu usado por marinheiros, e há até uma definição indígena: segundo o Dicionário Tupi-Guarani-Português, de Francisco da Silveira Bueno, caxangá vem de caá-çangá, que significa 'mata extensa'. Mas nada disso tem a ver com jogo e menos ainda com Jó, o personagem bíblico que perdeu tudo o que tinha menos a fé, e como retrata o estudioso, não tinha escravos. Isso deixa os especialistas intrigados. Aparentemente nada. Talvez a ligação mais próxima fosse da mãe de Jó que tinha escravos e queria que seu filho fosse paciente e lhe deu esse nome em homenagem a história bíblica.Nos parece qe o Jó da brincadeira, não se relaciona com o da bíblia pois aquele tinha escravos e era homem ilibado e probo. Reclama o pesquisador etimologista Cláudio Moreno, ter procurado caxangá, caxengá e caxingá, com 'x' e 'ch', e não ter encontrado nada que fizesse sentido como um jogo'. 'Se esse jogo existisse, seria quase impossível explicar como ele passou despercebido por todos os antropólogos e etnólogos que estudam nossas tradições populares. '.O que pode ter ocorrido é uma espécie de 'telefone sem fio': se originalmente o verso fosse 'juntavam caxangá' ao invés de 'jogavam', poderíamos pensar em escravos pegando siris em vez de em um jogo, replica o pesquisador. Outra hipótese é que caxangá seja uma expressão sem sentido, como 'a tonga da mironga do kabuletê', da canção de Toquinho e Vinícius - as palavras separadas até têm sentido (são vocábulos africanos), mas não com o significado que elas têm na música. Também a pesquisadora e folclorista Fernanda Macruz, do Museu do Folclore, em São Paulo, passou cinco anos pesquisando o tema e não chegou a uma conclusão. Dos 120 jogos que estudou, esse foi o único cuja origem não descobriu, lamenta. Para ela a letra da brincadeira é uma salada. O Jó citado é o personagem do Antigo Testamento que foi posto à prova por Deus e perdeu tudo o que tinha, exceto a fé. Só que o livro sagrado não diz em nenhum momento que o paciente Jó tivesse escravos. E, mesmo se tivesse, eles certamente não jogavam caxangá, que não é jogo nenhum. A palavra pode vir do tupi *caa çanga*, que significa reunião de rezadores, intriga-se Fernanda. Aparentemente, a letra foi tão modificada pelo tempo que perdeu o sentido. Em tempo: ninguém faz ideia de quem seja o Zé Pereira. Curiosamente há uma interpretação sexual a certas passagens, referindo-se a homoafetividade de soldados durante a reclusão de uma batalha. Em acampamentos militares espartanos, os soldados, para suprir a falta de mulheres, faziam jogos sexuais. “A cantiga viria dos acampamentos militares espartanos, famosos por incentivar namoros entre seus soldados, que assim lutariam com mais bravura. Esses soldados eram normalmente recrutados entre os escravos. Jó teria sido um famoso general, amante de Péricles numa das mais belas páginas da história antiga devido à rivalidade entre suas cidades. Ele escrevera alguns livros, hoje perdidos, estabelecendo a relação entre guerra e homossexualismo. “Tira, bota deixa o zambelê (ou Zé Pereira) ficar - referência clara à penetração e à necessária permissão da parte passiva.” Lembrando que zabelê é um pássaro e que o membro necessário à penetração é comumente associado a nomes de pássaros, como por exemplo, o filho da galinha. “Guerreiros com guerreiros fazem zig-zig-zá — novamente, referências aos jogos sexuais; aqui está configurada uma orgia, realizada alegremente nos acampamentos dos valorosos espartanos.” Discordante, Fernanda pensa que o zig-zig-zá não se refere a um jogo, mas sim ao movimento realizado pelos escravos no momento do ato.”

 As contrariedades sempre existem em qualquer busca da verdade. Sem querermos fazer julgamento de mérito é preciso acatar aquela que nos pareça mais razoável, fazendo parte da construção do conhecimento, talvez encontrar diferentes posicionamentos. Neste sentido, na eleição de sujeitos significativos para entrevista, optamos pelos mais próximos, casal seguidor, da doutrina das Testemunhas de Jeová, onde somente ela se confirma como respondente, com o qual realizamos estudos bíblicos esporádicos, vindos do interior do Estado de São Paulo, onde igualmente a brincadeira em estudo é conhecida. Nosso questionário exclusivamente elaborado para este texto envolveu as seguintes perguntas, consideradas abertas para entrevista: Primeiramente ao ser indagada sobre como e onde conheceu a brincadeira, a entrevistada diz ter conhecido na empresa em que trabalhou, no interior de São Paulo, quando a empresa estava se certificando no Programa de Qualidade Total. Faziam a brincadeira com os funcionários para ver a importância de um trabalho em equipe e que se uma falha, todo processo pode ficar comprometido. No segundo questionamento, quando indagada sobre a importância desta brincadeira no contexto social, a respondente declara acreditar no sentido já citado na resposta da primeira pergunta, para a conscientização dos funcionários da equipe, em que é importante o bom desempenho de cada um para uma conclusão de qualidade. Na terceira indagação se postula a aplicabilidade desta brincadeira e em que sentido há relevância ou aspecto contraditório das alegações feitas pelos estudiosos de área, onde responde desconhecer esses estudos feitos sobre a brincadeira, tanto que a conhecia para fins totalmente diferentes do fundo original que esses estudos mostraram. Comenta... ‘Até porque no livro de Jó 1:3 cita que Jó tinha um grande número de servos (escravos) e nos estudos não baseados na Bíblia cita que ele não tinha escravos e sim sua mãe’. Isso contradiz o que prega a Bíblia. Jó era um homem íntegro, justo e temia a Deus (Jó 1:1). No quarto questionamento se indaga sobre a hipótese de relevarem aspectos não recomendáveis sobre a prática onde a entrevistada declara ser válido e interessante os aspectos práticos da brincadeira no sentido de desenvolvimento de trabalhos em equipes. Finalmente, se deseja saber se esta reflexão contribui de alguma forma para a conscientização social sobre estas práticas lúdicas em sociedade onde se respondeu que a brincadeira contribui para formação de profissionais mais comprometidos e conscientes com o resultado de qualquer trabalho com mais qualidade.

####  Vale lembrar as sabias palavras da etnomusicóloga e educadora Lydia Hortélio, ressaltando que “em todas as culturas do mundo é inestimável o valor do exercício espontâneo da música na infância, uma música onde a palavra, a cantiga, o movimento e o outro se interligam na alegria do brincar”.[[4]](#footnote-4)

 O mais interessante de todo o processo de análise, é que em nossa memória encontramos a figura de nosso pai, que ainda fazia diversificação da brincadeira, enfatizando o movimento zig zig zá, quando dirigia o veículo, fazendo pequenas curvas direita, esquerda, direita, nos ensinando o próprio valor da ação expressa no verbo, incorporado a língua portuguesa. E especialmente compartilhamos entre nossos irmãos a alegria daqueles momentos, ainda hoje, passados tantos anos, compartilhados com famílias vizinhas em que todos éramos pequenos guerreiros, procurando fazer tudo certo, defendendo cada qual o seu papel perante os parceiros e ao público composto por nossos tutores momentâneos a nos cercar sempre com olhares atentos, como se a brincadeira fosse revelar os líderes e mais espertos entre as crianças, assim como, também reavivarem nas memórias antigas, algo que igualmente foram ensinados a fazer em seus melhores dias de infância, passando para nós a prática desta brincadeira, como exercício permanente do direito de brincar e ser feliz.

E você? Já brincou disso? Passe então para frente, aos que não conhecem o prazer desta prática lúdica e especialmente o significado da mesma. O que importa mesmo é a diversão proporcionada por ela, porque se conhecêssemos as interpretações dadas, provavelmente até deixaríamos de brincar, vez que demonstram certa malícia que não é própria do universo infantil e que de certa forma, comprometem a prática psicopedagógica e educativa.

1. Acadêmico do Curso de Licenciatura em História, com Registro Universitário 1373558, do Centro UNIVERSITÁRIO UNINTER, POLO CURITIBA / CATEDRAL EDUSOL, orientado por Antônio Domingos Araújo Cunha, Summer Course of The Hague Academy of International Law, Haia, Holanda, terminou os créditos do Doutorado do curso de Direito da Universidade de Buenos Aires, Argentina, Mestre em Gestão Urbana pela PUC/PR/BR, Especialista em Didática e Língua Inglesa, Bacharel em Direito, Administração e Ciências Naturais, com extensão na CSUDH/USA, onde igualmente se dedicou ao estudo de Artes e USP/SP/BR, onde se especializou em tópicos como Discurso e Diásporas. [↑](#footnote-ref-1)
2. VÍDEO DA BRINCADEIRA, ESCRAVOS DE JÓ. Disponível em: <vhttps://www.youtube.com/watch?v=bOBpzjRpV\_4> Acesso em: 19.11.2016. [↑](#footnote-ref-2)
3. ESCRAVOS DE JÓ. Disponível em: <<http://sitiocasarao.blogspot.com.br/2013/04/escravos-de-jo-misterios-na-origem-e.html>. > Acesso em; 09.11.2016. [↑](#footnote-ref-3)
4. Lydia Hortélio. Disponível em: < [http://mapadobrincar.folha.com.br/mestres/lydiahortelio/](http://mapadobrincar.folha.com.br/mestres/lydiahortelio/%20) >. Acesso em: 17.11.2016. [↑](#footnote-ref-4)